

Perdas estimadas pelo USDA em Janeiro podem ainda ser menores

Novo relatório publicado pela USDA no dia 10/03 aponta para perdas ainda menores em decorrência das geadas e tecem outras considerações.

Os números referentes às perdas devido à geada de Janeiro entre os dias 5 e 13 foram ainda menores que as estimadas pelo USDA e divulgadas no último dia 09 de fevereiro (ver maiores detalhes em “Estimativas de produção publicadas pelo USDA no dia 09/02/2010”). Esta primeira estimativa apontava para uma safra na Flórida estimada em 129 milhões de caixas, número semelhante à safra 2006/07 e em torno de 20 % menor que a safra do ano anterior. Os números divulgados agora em Março apontam para 131 milhões de caixas, um acréscimo de 2 milhões de caixas em relação à estimativa anterior. Em relação ao total estimado para ser colhido nos Estados Unidos o número ficou em 187,6 milhões de caixas, o que representa uma queda de 11,8 % em relação à safra passada.

Foi realizada também a avaliação dos danos ocorridos nas plantas e frutos, considerando aspectos danos ocorridos nas folhas e frutos. O primeiro traz implicações sobre possíveis perdas para a próxima safra. Os danos nos frutos representam as perdas diretas nesta safra e é esta que mais terá impacto sobre os preços a serem ofertados pela indústria durante o período de contratação aqui no Brasil.

Os dados coletados sobre danos ocorridos na área foliar das plantas apontam apenas para problemas nos pomares na Região Norte da Flórida, com 10 % das plantas apresentando danos relevantes, sendo 5 % destes com danos considerados severos. No total apenas 0,3 % das plantas sofreram danos significativos nas folhas. Desta forma não é esperado por enquanto impacto futuros significativos.

Com relação aos frutos, apenas na Região Norte da Flórida é que foram verificadas perdas mais significativas, com 20 % dos frutos apresentando danos severos profundos. Para as demais regiões mal chega a 2 %, sendo apurados danos profundos nos frutos em 1,6 % das amostras e danos considerados menores em 5,3 % dos frutos amostrados. Em 76,5 % das amostras de frutos não foram verificados danos aparentes. Em resumo: 23,5 % dos frutos estão danificados sendo que 5,3 % podem não chegar às plantas das Indústrias.

Para aqueles que já estão ficando um tanto nervosos devido ao silêncio das Indústrias em relação aos novos contratos aconselho um pouco mais de calma. É muito improvável que ocorra uma antecipação dos contratos este ano, ainda mais com tantas incertezas sobre o tamanho conjunto das safras dos Estados Unidos e do Brasil.

Como sempre a maior parte dos contratos somente será firmada após a “Derrça”, ocasião na qual os números definitivos sobre a safra no Brasil serão tomados. Neste ano excepcionalmente teremos muito provavelmente a antecipação da Derrça para Abril, ao invés do já tradicional Maio devido à antecipação da “data média de florada”, que é aproximadamente a data onde a maior parte dos pomares atingiu o pico de emissão e abertura de botões florais.

As perdas a serem medidas podem ser expressivas. O fator que mais contribuiu para o fracasso na safra em diversos clientes foi a Estrelinha ou PFC. Em termos globais, as perdas podem chegar a 7 % em relação à safra anterior (estimativa pessoal). Pode parecer um número pequeno, mas se compararmos com as perdas ocorridas na Flórida devido às geadas, veremos que os eventos ocorridos no Brasil não justificam números mais expressivos. As perdas técnicas em nosso caso ocorreram muito mais pela falta de investimento no controle da doença do que devido ao mal tempo em si.

Somando-se as perdas obtidas nos dois parques citrícolas, chegamos a aproximadamente 10 % em termos de perdas totais, o que é um número considerável, e se for confirmado em Abril após a derrça, é esperada uma alta nos preços a serem pagos ao produtor.

Por enquanto temos pouco a comemorar. A laranja está sendo bem paga neste momento, o que já é tradicional para esta época do ano, mas os movimentos futuros ainda estão incertos. Fontes das Indústrias apontam para preços a serem contratados “menores do que aqueles que os produtores estão falando”. Porém todo mundo sabe que cada um tem que defender o seu peixe. Vejo os preços ventilados ao redor de R\$ 12,00 bastante factíveis e não serão preços extraordinários quando comparamos os contratos em dólares em relação à média dos preços pagos no portão entre os anos de 2006 a 2008. Irá representar um aumento entre 15 % em relação à média dos preços pagos no portão neste período.

Os estoques de suco nos Estados Unidos estão estáveis. Os preços pagos aos produtores até Janeiro de 2010 estão ainda baixos, em torno de 30 % abaixo da média apurada entre 2001 e 2009 e provavelmente até o momento da publicação pelo USDA deste levantamento não havia ainda refletido os impactos das condições severas do clima, ou refletido apenas os problemas de qualidade em função da colheita precoce dos frutos.

Na ponta do consumo os dados ainda estão bastante defasados, sendo apresentados dados até 2008. Avaliando esta série histórica é possível verificar uma queda no consumo de suco da ordem de 2 % em relação à média do período compreendido entre 2001 e 2008, e uma queda de 20 % da produção em relação à média entre os anos de 2001 e 2010.

Estes dados provavelmente deverão causar pressões maiores sobre a cotação do suco na bolsa que, até o fechamento deste artigo já estava registrando U\$ 2.200,00 à tonelada com leve tendência de baixa.